



PSICANÁLISE E DIVERSIDADE SEXUAL

Daiane Maus Marques¹
Henrique Caetano Nardi²

Apresentação

Esta reflexão parte de questões levantadas no processo de composição da dissertação de mestrado intitulada *A(s) Clínica(s) Psicológica(s) e a Diversidade Sexual: percorrendo trajetórias de vida* desenvolvida junto ao programa de pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS. Durante a pesquisa, foram entrevistados sujeitos que se autodefiniam como homossexuais a fim de compreender como descreviam a prática psicológica de seus/suas terapeutas em particular na questão da orientação sexual. Nesse texto, como disparador inicial, pretendemos pensar como a(s) clínica(s) psicológica(s) (nesse momento com ênfase para aquela(s) que faz(em) uso da psicanálise) é(são) percebida(s)/vivida(s) pelas pessoas que passaram por ela no que diz respeito a orientação sexual? Quais as fronteiras da psicanálise nesse sentido e até que ponto ela pode vir a ser um espaço potencializador para as pessoas que fogem à regra da heterossexualidade compulsória?

Para aprofundar essa discussão apresentaremos algumas considerações teóricas junto a trechos de algumas entrevistas. A idéia em relação às entrevistas é pensarmos o que permite o sujeito falar o que fala e da forma que fala, quais condições que deram possibilidade para isso. Nesse texto não abordaremos as questões metodológicas da pesquisa, mas é conveniente mencionar que nos baseamos na formação discursiva proposta por Foucault e buscamos transitar por uma inspiração genealógica a partir do autor. Para compor o texto abordaremos dois pontos específicos: confissão e psicanálise e, posteriormente, pensaremos possíveis desdobramentos.

Confissão

De acordo com Foucault³, a partir dos séculos XVI e XVII, a discursividade sobre o sexo é ampliada. A ciência se afirma como verdade e, a partir do século XIX, o saber sobre o sexo desloca-se da autoridade religiosa para a racionalidade, sendo a medicina a portadora das verdades sobre o sexo, distinguindo o normal do patológico.

¹ Psicóloga. Mestre em Psicologia Social e Institucional – UFRGS. Colaboradora do NUPSEX - Núcleo de Pesquisa em Relações de Gênero e Sexualidade – UFRGS.

² Professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional – UFRGS. Coordenador do NUPSEX - Núcleo de Pesquisa em Relações de Gênero e Sexualidade – UFRGS.

³ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal; 2006.



Para compor o que Foucault⁴ chamou de scientia sexualis a confissão teve um caráter determinante. Tudo deve ser confessado a quem estiver autorizado a ouvir. Num primeiro momento para o padre, depois para o médico. Nesse contexto, por exemplo, a psicologia e a pedagogia ajudam a formar o sujeito sexual normal. Estes saberes são introduzidos na família que passa a ser a vigilante dos/das filhos/filhas em relação ao sexo.

Foucault⁵ ao se remeter ao início do século XIX, afirma que o saber médico outorga o poder imediato à família e nesse ambiente surge o normal e o anormal em relação ao sexual. “A família é que vai ser o princípio de determinação, de discriminação da sexualidade, e também o princípio de correção do anormal”⁶. Nas falas abaixo percebemos que, dois séculos depois, a família vigilante e que encaminha o/a filho/filha “anormal” ao saber médico ainda é reincidente:

Aí quando eu descobri foi com uma menina que foi uma coisa fora de série e eu peguei e cheguei e falei pra minha mãe. Olha eu to gostando de alguém e é uma guria e aí ela me mandou pra terapia (Gabi).

Aí ela (a mãe) disse vou te mandar pro psicólogo pra te curar. Então a primeira noção que eu tive de psicoterapia era a idéia de um especialista que ia curar minha doença. Aí era um psiquiatra (Bere).

Psicanálise

A confissão é uma prática recorrente se pensarmos como foram construídas as clínicas psicológicas, tanto se pensarmos em uma psicologia científica ou na própria psicanálise.

Foucault⁷ ao falar da psicanálise afirma que ela foi inaugurada no dispositivo da confissão, a partir do modelo do cristianismo, centrado na experiência da moral e na culpa. O autor questiona a suposta ruptura em Freud de um novo discurso sobre a sexualidade a fim de libertar os sujeitos dos recalques sexuais; critica ainda a hipótese repressiva, tendo em vista que, ao contrário do que afirma esta hipótese, no século XIX houve uma grande incitação para se falar de sexo. Com tais críticas, Foucault questiona a lei e, por sua vez, o incesto como interdição.

Durante as entrevistas foi possível perceber que alguns conceitos da psicanálise estão incorporados nos processos de subjetivação da contemporaneidade. Ficou bastante evidente uma psicanalização do cotidiano, o que pode ser observado na medida em que muitos termos específicos circulam pelo senso comum. Observamos abaixo o relato de uma entrevistada em que podemos

⁴ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal; 2006.

⁵ FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

⁶ FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 322.

⁷ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal; 2006.



perceber tal psicanalização tanto no que ela relata sobre a mãe, quanto no que ela relata sobre a psicóloga:

Gabi - Eu namorava um menino. E eu tava gostando da outra menina. Aí eu larguei ele. Aí foi quando eu falei pra mãe que eu ia começar a sair e ver se era realmente isso que eu queria e aí foi que ela me mandou pra terapia.

(...)

Gabi - Daí colocaram (a psicóloga e a mãe) mais a questão que eu bloqueei a figura masculina por isso, eu era virgem, teve o abuso, era uma justificativa. Só que quando eu conheci esse cara (namorado) que ele era legal, que tava sempre por perto, eu disse vou ficar, vou ver se vai dar certo, ele era legal, eu gostava dele, só que não... foi indo assim passou um mês e eu não tava bem...

(...)

Gabi - Eu fui na terapia e já na primeira sessão ela queria me mudar. Daí ela falou que foi por causa do abuso, aí quando o abuso não teve mais jeito ela disse que era a falta da figura materna.

Entrevistadora - Materna?

Gabi - Falta da mãe, falta de carinho da mãe, ausência da mãe.

Entrevistadora - Isso a psicóloga te falou?

Gabi - Isso a psicóloga me falou, tipo tu não tá trocando um pouco a figura materna da tua mãe e materializando ela em outra pessoa, e que essa pessoa seja uma menina né, no caso essa falta de carinho, esse companheirismo, essa amizade que tu queria ter com ela no caso, tu tá colocando nessa menina. Aí eu disse não, porque o que eu sinto não são só atrações emocionais, são atrações físicas também. E nunca que eu ia sentir atração física pela minha mãe. Então não tem como, sabe. Mas aí se tu for avaliar eles vão colocar também no caso da violência. Aí ela tentou contornar de tudo quanto foi jeito.

A mãe de Gabi procura terapia para filha em busca de algum desvio no desenvolvimento. A partir da fala da entrevistada é possível notar que a psicóloga e a mãe da mesma trazem enunciados da homossexualidade como uma patologia e fazem uso de uma psicanalização dos comportamentos para tentar justificar a falha. Há sempre a procura de algo errado no processo. Ao longo da fala de Gabi, nota-se que é a insistência da paciente que faz com que a psicóloga busque alternativas nas interpretações, mas todas alternativas estão calcadas numa estruturação heteronormativa. Como a psicóloga continua a afirmar a falha na figura materna, Gabi rebate: *Aí eu disse não, porque o que eu sinto não são só atrações emocionais, são atrações físicas também. E nunca que eu ia sentir atração física pela minha mãe.* Apesar de pouco abalar o discurso legítimo do campo médico/psicológico, Gabi tenta argumentar com a psicóloga, buscando validar sua homossexualidade para além do Complexo de Édipo.

Se pensarmos na psicanálise, no sentido de obras psicanalíticas hegemônicas, podemos perceber a sexualidade como central e que a estrutura do sujeito faz parte de um processo que para obter determinada estruturação passa pela resolução dos conflitos edípicos. Como forma de questionar essa idéia, Foucault⁸ desvincula o termo desejo da idéia de falta, estabelecendo que todo desejo é construído e ainda que não está ligado apenas ao sexual.

⁸ FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. *VERVE: Revista Semestral do NU-SOL - Núcleo de Sociabilidade Libertária*, São Paulo, n.5, p. 260-277, maio 2004.



Butler⁹, por sua vez, questiona as predisposições primárias do desejo que, segundo a autora, são dadas como naturais por Freud. Freud afirma existir algo anterior ao Complexo de Édipo, ou seja, uma predisposição heterossexual, para poder ocorrer o deslocamento do desejo. Butler fala da matriz heterossexual, determinada pela cultura, ou seja, não haveriam pressupostos primários e sim uma lei dada pelo ideal de ego (formado pela cultura). Na verdade antes do tabu do incesto, para a validação da teoria edípica, teríamos que pensar no tabu da homossexualidade, apenas se admitirmos existir esse tabu, que é uma construção cultural, a teoria edípica poderia ter o sentido que tem hoje. Caso não houvesse o tabu da homossexualidade não teria como justificar o deslocamento do desejo para o sexo oposto ao invés da identificação/internalização com o objeto perdido. Não seria mais simples, “mais natural” para o trabalho do ego uma identificação com o objeto perdido ao invés de, para justificar a heterossexualidade, um posterior deslocamento para se identificar com outro objeto?

Pensando outros caminhos

A Psicologia foi formada a partir do dispositivo da sexualidade e pode ser entendida, ao mesmo tempo, como fruto e discurso reafirmador de uma verdade única sobre os sujeitos no interior deste mesmo dispositivo. A idéia de inconsciente e da estruturação edípica apresentada por Freud são bases conceituais que devem ser pensadas como criação de um tempo e um contexto histórico específicos e que, assim como produziram rupturas em determinados modos de assujeitamento, produziram outros, sobretudo ao tomar um determinado conhecimento datado e contextualizado como dogma, caminho este reforçado pela institucionalização da psicanálise e de sua apropriação no senso comum. É evidente que a psicanálise tenha muitos efeitos de incremento das práticas de liberdade, sobretudo no que se refere à discussão da ética na psicanálise, de transferência e do inconsciente como fruto da cultura, entretanto é importante considerar que hajam aspectos a serem relativizados. Buscamos percorrer a clínica para visualizar de que forma ela está presente na vida dos sujeitos, como ela se constrói da forma que é apresentada. Questionamos quais foram as verdades tidas como absolutas na inauguração da clínica psicológica, uma delas, pensando na direção da psicanálise, a noção do complexo de Édipo. Propusemos, buscando apoio em Judith Butler, pensar que existe um interdito anterior, do qual não se fala, que é o interdito da homossexualidade.

⁹ BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.



Birman¹⁰ convida a pensar a psicanálise para além da tradição da filosofia do sujeito, do imperativo do saber e do que ele chamou de perspectiva crítica. Será possível pensar uma psicanálise que se apóie no cuidado de si e na estética da existência¹¹ como o autor sinaliza? Seria isso ainda a psicanálise? Ou seria uma outra psicologia/prática psi? Deleuze e Guattari¹², por sua vez, criticam a psicanálise (aquela que usa da tradição filosófica do sujeito) em função do idealismo que ela prega:

Chamamos de idealismo da psicanálise todo um sistema de rebatimentos, de reduções na teoria e na prática analíticas: redução da produção desejante a um sistema de representações ditas inconscientes, e a formas de causação, de expressão e de compreensão correspondentes; redução das fábricas do inconsciente a uma cena de teatro, Édipo, Hamlet; redução dos investimentos sociais da libido aos investimentos familiares, rebatimento do desejo sobre coordenadas familiares, ainda o Édipo. Ela responde à demanda, as pessoas chegam com seu Édipo. A psicanálise não faz mais do que elevar Édipo ao quadrado, Édipo de transferência, Édipo de Édipo, no divã como uma terrinha lamacenta. Porém, familiar ou analítico, o Édipo é fundamentalmente um aparelho de repressão das máquinas desejantes, e de modo algum uma formação do próprio inconsciente. Não queremos dizer que o Édipo, ou seu equivalente, varie conforme as formas sociais consideradas. Antes acreditaríamos, com os estruturalistas, que é um invariante. É por isso que atacamos o Édipo, não em nome de sociedades que não o comportariam, mas naquela que o comporta eminentemente, a nossa, capitalista. Não o atacamos em nome de idéias pretensamente superiores a sexualidades, mas em nome da própria sexualidade que não se reduz ao “sujo segredinho familiar”. (...) O que a psicanálise chama de resolução do Édipo é absolutamente cômico, é precisamente a operação da dívida infinita, a análise interminável, o contágio do Édipo, sua transmissão de pais para filho. É alucinante a quantidade de bobagens que se pôde dizer em nome do Édipo, a começar sobre a criança¹³.

Deleuze e Guattari^{14,15} criticam ferozmente o Édipo e o associam à máquina capitalista, porém mantém o inconsciente, embora seja um inconsciente diferente das estruturas que estamos acostumados/acostumadas a apreender. A psicanálise, segundo os autores, se centra na neurose, de forma a desconsiderar o inconsciente esquizo. Freud descobre o desejo enquanto libido, mas ele aprisiona esse desejo numa cena de família – no Édipo. Claro que as condições de possibilidade para a emergência da teoria edípica eram condizentes próprias para que Freud lançasse sua teoria, mas ele acabou acentuando apenas a cena familiar.

¹⁰ BIRMAN, Joel. *Entre Cuidado e Saber de Si: Sobre Foucault e a Psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2004.

¹¹ Foucault desenvolve, a partir da antiguidade greco-romana, os conceitos de cuidado de si e estética da existência, apontando para a possibilidade da produção de si mesmo como uma obra de arte, através de exercícios permanentes com critérios estéticos e éticos do bem viver. Entende o cuidado de si como “o conjunto das experiências e das técnicas que o sujeito elabora e que o ajuda a transformar-se a si mesmo” (REVEL, Judith. *Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005. p.33). Para um aprofundamento sobre o assunto sugiro a leitura do terceiro volume da História da Sexualidade (FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade III: O Cuidado de Si*. São Paulo: Edições Graal, 1985).

¹² DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Entrevista sobre o anti-édipo*. In DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972-1990*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 23-36

¹³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Entrevista sobre o anti-édipo*. In DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972-1990*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 23-36. p.27.

¹⁴ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

¹⁵ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Entrevista sobre o anti-édipo*. In DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972-1990*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 23-36.



Para a psicanálise, o Édipo passou a ser a formação do próprio inconsciente e para Deleuze e Guattari essa seria apenas uma das n formas possíveis, o Édipo vem a ser um mecanismo de repressão das forças desejantes quando entendido como única possibilidade positiva. Os autores passam da psicanálise ao fascismo, falam de um fascismo generalizado, o qual manipula o desejo por opressão e repressão, ameaçando o que eles chamam de “máquinas revolucionárias”. A partir desses conceitos eles vêem a própria psicanálise como uma forma de fascismo. E ao abordar o capitalismo (também como forma de aprisionamento do desejo) afirmam: “A psicanálise é como o capitalismo: tem por limite a esquizofrenia, mas não cessa de repelir o limite e de tentar conjurá-lo”¹⁶ e mais adiante colocam: “não nos dirigimos aos que consideram que a psicanálise vai bem e tem uma visão justa do inconsciente (...) nos dirigimos aos inconscientes que protestam”¹⁷.

A partir de Guattari e Deleuze é possível pensar o inconsciente como potência. O que propõem é o processo esquizo, que permita se lançar nesse mundo da desterritorialização, da superfície, e que é impedido de virar esquizofrenia pela atividade revolucionária. Isso parece apenas ser possível a partir de uma vida não fascista e de atitudes não fascistas, pois o fascismo faz retornar sempre ao mesmo tipo de padrão/norma estabelecido por um modo de exercício do poder específico. Para ser possível uma clínica outra é necessário romper com os padrões que estabelecem uma única possibilidade de verdade, talvez aí o caminho de uma clínica não fascista.

Para buscar uma vida não fascista, Foucault¹⁸ convida a não cair de amores pelo poder. Parece que estão nessas linhas de fuga, nisso que Deleuze e Guattari chamam de máquinas do desejo, uma possibilidade de estabelecer fluxos e romper com esse amor ao poder que leva ao fascismo, esse poder sempre desenhado da mesma forma, sempre igual.

Em síntese é possível dizer que Freud apresenta a psicanálise e tem como pressuposto o complexo de Édipo. Entendemos que o complexo de Édipo seja algo cultural. Deleuze e Guattari propõem o anti-édipo e vêem na esquizofrenia uma possibilidade de desterritorialização. Entendem o capitalismo como um sistema mantenedor da estrutura neurótica. Foucault na introdução ao anti-édipo propõe uma vida não fascista. Cada sistema de poder cria verdades, normas, que podem ser quebradas nas disputas micropolíticas do dia a dia. Talvez seja possível pensar em uma psicologia não fascista. Uma psicologia que trabalhe com a ética do cuidado de si, ao invés da tentativa de

¹⁶ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Entrevista sobre o anti-édipo*. In DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972-1990*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 23-36. p32.

¹⁷ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Entrevista sobre o anti-édipo*. In DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972-1990*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 23-36. p34

¹⁸ FOUCAULT, Michel. *Introdução à vida não fascista*. In DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.



adaptação do sujeito às normas estabelecidas, uma psicologia que trabalhe no sentido horizontal e não com um posicionamento vertical de um suposto saber, baseado no posicionamento hierárquico das relações clínicas (sejam médicas ou psicológicas).

Pensamos que a psicanálise ainda seja ferramenta para a clínica, mas é necessário relativizar seus pressupostos. Talvez articulando uma conversa de Freud com Nietzsche¹⁹ é possível considerar que existam outras formas possíveis de ler Freud. Somando-se o uso da filosofia da diferença de Deleuze aos conceitos apresentados ao longo da pesquisa (principalmente os pensamentos de Foucault e Butler), talvez seja possível pensar uma clínica outra, com esquecimento (Nietzsche), potências, devires, dobras e sem o imperativo da lógica heteronormativa baseada em uma forma única e estruturalista de entendimento do sujeito a partir do falocentrismo que marca conceitos como o complexo de Édipo e o nome do Pai.

Acreditamos que seja possível uma psicologia que produza outros efeitos no campo da sexualidade, como alguns/algumas entrevistados/entrevistadas trouxeram, que não repita a adaptação à heterossexualidade compulsória ou que pelo menos seja capaz de acreditar na manifestação de um desejo legítimo e que não o considere como inferior ou fruto de uma falha no desenvolvimento.

Bibliografia

- BIRMAN, Joel. *Entre Cuidado e Saber de Si: Sobre Foucault e a Psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2004.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Entrevista sobre o anti-édipo*. In DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972-1990*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 23-36
- FOUCAULT, Michel. *Introdução à vida não fascista*. In DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal; 2006.
- FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. *VERVE: Revista Semestral do NU-SOL - Núcleo de Sociabilidade Libertária*, São Paulo, n.5, p. 260-277, maio 2004.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade III: O Cuidado de Si*. São Paulo: Edições Graal, 1985.
- NAFFAH NETO, Alfredo. *Psicoterapia em busca de Dionísio: Nietzsche visita Freud*. São Paulo: EDUC/Escuta, 1994

¹⁹ Não é intenção nesse momento de detalhar a articulação entre Freud e Nietzsche, para tanto sugiro a leitura de Naffah Neto (NAFFAH NETO, Alfredo. *Psicoterapia em busca de Dionísio: Nietzsche visita Freud*. São Paulo: EDUC/Escuta, 1994).



REVEL, Judith. *Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.